

“O meu céu está adornado com mulheres e não com estrelas, e envolve-me como um mundo infinito.”

O Sedutor (excerto do poema) de Stefan Zweig

D. João volta da guerra, de Horváth, foi apresentado pela primeira vez em Portugal, no âmbito do exercício de finalistas dos cursos de Formação de Actores e de Realização Plástica do Espectáculo, da Escola Superior de Teatro e Cinema, de 21 a 24 de Junho de 1988, no Goethe Institut – Instituto Alemão. A tradução foi feita pelo encenador e professor José Valentim Lemos, de saudosa memória, que orientava uma especialização em Dramaturgia de que eu fazia parte. Com ele ficámos a conhecer também outras peças de teatro deste autor, que faleceu em Paris, em 1938, relativamente jovem, dois anos depois da publicação em Viena de uma das suas obras mais conhecidas “Juventude sem Deus” que integra até hoje o currículo escolar alemão.

D. João volta de novo, após tantos autores terem escrito sobre ele em tão diversas línguas e circunstâncias. Mas apesar de tudo, e de todas as mudanças sociais e tecnológicas, creio que este mito continuará a voltar sempre, para nos fazer pensar e sentir, pelo menos enquanto formos humanos. Voltará de outras guerras, de outros lugares, de outras épocas, um dia até talvez volte de viagens pelo espaço, e também com outras identidades de género.

D. João volverá, como o teatro, para que nos sintamos vivos, para nos descobrirmos, para que possamos florescer e indagar sobre a natureza do amor e da solidão, do desejo e da ausência, da volúpia e do cansaço dos sentidos, bem como da procura de uma liberdade interior e espiritual, pessoal e comunitária.



Júlio Martín da Fonseca



Fotografias de ensaio

DON JUAN KOMMT AUS DEM KRIEG (1936)

Edmund (Ödön) Josef von Horváth (1901-1938)

PREFÁCIO

Não se sabe se Don Juan, enquanto figura histórica, alguma vez existiu. É certo que o tipo Don Juan já existiu e, como tal, é óbvio que ainda hoje existe e sempre existirá. Por este motivo, tomei a liberdade de escrever um Don Juan do nosso tempo, porque o nosso tempo está cada vez mais perto de nós. Aparentemente, este Don Juan já é coisa do passado, porque morreu durante a grande inflação de 1919-23, ou seja, numa época em que todos os valores mudaram, mesmo no sentido mais banal da palavra. Mas, como disse, é apenas um tempo que parece ter passado, porque, numa perspetiva ligeiramente mais elevada, ainda vivemos na inflação e não sabemos quando esta irá acabar. É típico dos nossos dias o quanto cada indivíduo muda no mais íntimo do seu ser em consequência das catástrofes que afetam a comunidade. Don Juan sai da guerra e imagina que se tornou uma pessoa diferente. No entanto, continua sendo quem é. Não consegue evitar, não escapará das mulheres.

Durante centenas de anos, procurou-se resolver o enigma de Don Juan de inúmeras maneiras, mas o enigma é insolúvel. A figura sofreu os mais diversos cambiantes, do primitivo adúltero, assassino e blasfemo, ao fidalgo entediado, psicologicamente dissecado. Na tradição, e na lenda, vive como um poderoso criminoso que ataca os costumes e a lei como uma força da natureza. É o grande sedutor que é sempre, e sempre, seduzido pelas mulheres. Todos sucumbem a Don Juan, mas – e este pode ser o ponto crucial - ninguém o ama realmente (é por isso que esta peça não tem uma única cena de amor).

Então, o que conduz as mulheres a Don Juan? Não é apenas a sexualidade masculina, da qual ele é, sem dúvida, o representante mais expressivo. É o vínculo metafísico, particularmente íntimo e exclusivamente pronunciado desta sexualidade, de cujo efeito as mulheres não conseguem escapar. Don Juan está sempre em busca da perfeição, algo que não existe na terra. E as mulheres querem provar-lhe, e a si mesmas, repetidas vezes, que ele pode encontrar tudo o que procura na terra. O infortúnio das mulheres é que elas têm um horizonte terreno - só quando percebem, com um estremeamento, que ele não está em busca da vida, mas ansiando pela morte, é que se afastam dele. A culpa trágica de Don Juan é que ele, repetidamente, esquece, ou até mesmo zomba, do seu desejo, tornando-se numa vítima cínica do seu efeito, mas não sem tristeza.



Chapéu Horváth, sob o qual foi fundada a Sociedade Ödön von Horváth

Ficha Técnica e Artística

Direção Júlio Martín da Fonseca
Tradução José Valentim Lemos

Interpretação (por ordem de entrada em cena):

D. João: Nuno Ramalho, João Oliveira, Joel Samper, Pedro Armada, João Lourenço, Luís Miranda, Manuel Vieira, João Nabais, David Valentim, Nuno Cortez, João Silva, Rui Francisco, Hugo Borges, Vicente Eichler

Soubrettes: Margarida Cipriano, Joana Martins

Mulheres: Joana Celina, Teresa Côrte-Real, Isabel Coruche

Avó: Leonor Vasco

Criada: Teresa Mourato

Mulheres da vida: Teresa Veiga, Lara Rosa

Superiora: Raissa Albuquerque

Irmã: Ana Coutinho

Viúva: Isabel Coruche

Artesãs: Teresa Côrte-Real, Lara Rosa

Empregada do café: Carolina Loureiro

Margot: Teresa Veiga

Mãe: Regina Branco

Madalena: Joana Celina

Senhoras: Margarida Cipriano, Joana Martins, Ana Coutinho, Teresa Mourato

Senhora de Berna: Carolina Loureiro

Senhora na ópera: Regina Branco

Vizinha: Carolina Loureiro

Senhora mascarada: Carolina Loureiro

Aldeãs: Lara Rosa, Teresa Côrte-Real, Raissa Albuquerque, Isabel Coruche

Estalajadeira: Ana Coutinho

Apoio Técnico de Corpo e Voz Manuel Vieira

Música Helena Reis

Adereços e Figurinos Leonor Vasco

Fotografia Mariana Lupi Costa

Edição Gráfica Tiago Silva

Produção Manuel Vieira | Nuno Cortez
TUT-Teatro Académico da ULisboa

Contactos taul.tut@gmail.com
<https://www.ulisboa.pt/tut>
<http://blogdotut.blogspot.com/>
<https://www.facebook.com/TUTeatroAcademicoULisboa>

Apoio

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

TEATRO
MAIZUM